

"Mudamos o curso da guerra"

Fala do premier de Israel após ataques ao sul do Líbano, neste sábado, indica perdas no arsenal do grupo Hezbollah e intensificação do conflito. Irã promete reação "mais forte", e retaliações podem agravar escalada

» ISABELLA ALMEIDA
» MARINA RODRIGUES

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou, ontem, os resultados da ofensiva contra a organização política Hezbollah no Líbano, afirmando que as Forças de Defesa de Israel (IDF) conseguiram destruir "grande parte" do arsenal de mísseis do grupo islamista. "Mudamos o curso da guerra", declarou, em uma coletiva televisada, ressaltando que o ataque das IDF impactou profundamente a capacidade operacional do Hezbollah. Segundo Netanyahu, Israel tem o dever e o direito de se defender e responderá a esses ataques: "É o que faremos."

O Exército israelense informou que matou, desde o início da ofensiva terrestre, na última segunda-feira, cerca de 440 combatentes do Hezbollah, incluindo 30 comandantes de diferentes níveis. Enquanto isso, o Hezbollah anunciou, em comunicado, que lançou uma "salva de foguetes" contra uma instalação de defesa



israelense, em resposta aos intensos bombardeios que atingem o sul do Líbano. O ataque marca uma escalada das hostilidades e demonstra a disposição do grupo extremista em retaliar os ataques promovidos pelas IDF.

De acordo com Issam Menem, doutor em estudos estratégicos internacionais e pesquisador do Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além dos bombardeios nos subúrbios de Beirute, capital libanesa, destacam-se os confrontos terrestres diretos que vêm se intensificando ao longo da fronteira, especialmente nas cidades fronteiriças libanesas de Yaroun e Maroun al-Ras. "Dezenas de baixas e centenas de feridos já foram registrados por ambos os lados, atingindo, em sua maioria, a população civil", lamenta.

Líder perdido

Conforme a Agence France-Press, uma fonte do Hezbollah afirmou que, desde os bombardeios israelenses na periferia ao sul de Beirute, na sexta-feira, "perdeu-se" contato com o alto comandante do movimento islamista, Hashem Safieddine, apontado como possível sucessor do falecido líder Hassan Nasrallah. "Não sabemos se ele estava no local atacado ou quem poderia estar com ele", relatou. Uma segunda fonte anônima do movimento confirmou não haver comunicação com Safieddine e que seu paradeiro é desconhecido.

A situação no Líbano continua se deteriorando, com o movimento palestino Hamas também sofrendo perdas. O grupo anunciou a morte de dois de seus membros em bombardeios israelenses no norte e leste do Líbano: Mohammad Hussein al-Lawis e Said Attala Ali, identificado como um importante comandante. O Exército israelense confirmou as mortes, justificando que ambos os indivíduos estavam envolvidos em atividades terroristas e na coordenação de investidas contra Israel.

Enquanto as hostilidades se intensificam, o presidente de Israel, Isaac Herzog, enfatizou a ameaça constante que o Irã representa para o país, mencionando que a nação ainda enfrenta as consequências do ataque do Hamas no ano passado. Ele classificou o Irã e seus aliados como "cegos pelo ódio" e comprometidos com a destruição do Estado israelense.

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, assegurou, ontem, que Teerã responderá com "mais força" se Israel lançar um ataque de retaliação pelo bombardeio iraniano com mísseis. "Nossa reação a qualquer ataque do regime sionista [Israel] é clara", declarou Araghchi em visita a Damasco, capital da Síria, onde se reuniu com o presidente Bashar al-Assad, um aliado do Irã. Ainda ontem, o país emitiu um aviso aos aviadores para o fechamento de todo o espaço aéreo ocidental para operações militares em horários específicos, todos os dias, até 9 de outubro.



Netanyahu diz que ataques são defensivos e critica países a favor do corte de armas para Israel



Ministro das Relações Exteriores do Irã, Araghchi promete vingança



Fogo e fumaça sobem após ataque ao subúrbio de Beirute ontem

Mundo em alerta

No cenário internacional, o chefe do Comando Central dos Estados Unidos, general Michael Kurilla, chegou a Israel para reuniões com autoridades militares, refletindo a crescente preocupação com a situação no Oriente Médio. O presidente francês, Emmanuel Macron, pediu um cessar-fogo e o fim do envio de armas a Israel, defendendo uma solução pacífica para o impasse. Netanyahu não gostou da postura adotada por Macron e respondeu, em comunicado: "Enquanto Israel luta contra as forças da barbárie lideradas pelo Irã, todos os países civilizados deveriam apoiar firmemente Israel. Contudo, o presidente Macron e outros dirigentes ocidentais, agora, estão pedindo embargos de armas contra Israel. Deveriam estar envergonhados".

As manifestações por um cessar-fogo também se intensificaram, neste sábado, em várias

partes do mundo. Levando cartazes e bandeiras palestinas e libanesas, manifestantes na Inglaterra percorreram o centro da capital britânica para exigir o fim da guerra, que já matou quase 42 mil pessoas em Gaza. Na Espanha, a manifestação reuniu cerca de 5 mil pessoas, com cartazes que pediam "boicote a Israel" e "humanidade". Já na capital venezuelana, Caracas, centenas de simpatizantes do governo de Nicolás Maduro e membros da comunidade árabe protestaram em frente à sede da ONU, aos gritos em apoio ao Irã.

Em Paris, centenas de pessoas marcharam para demonstrar "solidariedade a palestinos e libaneses", e na cidade suíça da Basileia, milhares pediram sanções econômicas contra Israel e o fim da cooperação da Suíça ao nível científico. Na África do Sul, muitos habitantes tremularam bandeiras palestinas e



Protesto em frente à Casa Branca, em Washington (EUA), pede cessar-fogo

entoaram palavras de ordem, como "Israel é um Estado racista".

O porta-voz das Forças de Defesa de Israel (IDF), Daniel Hagari, enfatizou que as forças estão em alerta máximo devido à marca de 1 ano do ataque do Hamas a Israel, completado amanhã. Para Issam Menem, doutor em estudos estratégicos internacionais e pesquisador do Núcleo de Pesquisa sobre

as Relações Internacionais do Mundo Árabe, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), essas manifestações massivas foram desde o início muito importantes para chamar a atenção da opinião pública e para constranger líderes políticos. "Entretanto, na prática, não tem produzido grandes resultados no campo político." (IA, MR)

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

FESTIVAL DE ELEIÇÕES PELO MUNDO

Se é melhor para o povo, nunca se sabe no dia, mas este ano de 2024 é, disparado, o que mais tem escolhas por eleições em todo o mundo. Apenas de eleições nacionais, completaremos, ao todo, 73 até o fim do ano. Adicione-se a elas mais um grande número de eleições regionais e municipais, como a do Brasil no dia de hoje. É um verdadeiro festival de eleições.

Neste ano, em que mais da metade dos 8 bilhões de habitantes da Terra vivenciará eleições nacionais em seus países, o ciclo eleitoral começou em 7 de janeiro, quando Bangladesh, com seus 170 milhões de habitantes (a oitava maior população do mundo), reeligeu Sheikh Hasina como primeira-ministra. Hasina governou poucos meses de seu quinto mandato e, em agosto, foi derrubada.

Bangladesh estava em destaque no mundo com a prisão de Muhammad Yunus, ganhador do Nobel da Paz, por violações

trabalhistas relacionadas ao seu trabalho com microcréditos para pessoas de baixa renda. Os generais e líderes estudantis que derrubaram Hasina em agosto colocaram justamente Yunus como primeiro-ministro interino do país.

Hasina acusava Yunus de ser um "sugador de sangue dos pobres", devido às altas taxas de juros associadas aos microcréditos oferecidos por sua instituição. Se por um lado Yunus era querido por ter recebido o Nobel, por outro, Hasina é conhecida como alguém que colocou em pé uma economia mista bem-sucedida. Ou seja, eleição é uma forma inalcançável de compreensão do poder de quem manda de fato.

Nas demais 52 eleições nacionais que tivemos até aqui, em 2024, algumas destacam-se por seu impacto no cenário internacional.

Na Índia, as eleições gerais de 2024 consolidaram o poder do BJP, partido liderado por Narendra Modi, que

conquistou mais um mandato. Todavia, o escrutínio surpreendeu pelo fato de que Modi sofreu um voto de desconfiança de uma parte maior da sociedade. As eleições mostraram que o principal partido de oposição a Modi, o histórico Partido do Congresso, pode estar renascendo das cinzas. Para se contrapor ao hinduísta linha-dura Modi, Rahul Gandhi, herdeiro da vez do mais secular Partido do Congresso, passou também a inaugurar estátuas do nacionalismo hindu a torto e a direito.

Nas eleições sul-africanas de 2024, a contínua erosão de apoio ao partido governista, o superpoderoso Congresso Nacional Africano (ANC), no passado liderado por Mandela, trouxe à tona a ascensão de coalizões multipartidárias. Em meio a escândalos e problemas econômicos, os eleitores demonstraram uma forte insatisfação com o status quo pós-apartheid de uma forma até hoje inédita no país. A fragmentação

política foi evidente, com novos partidos regionais e de oposição ganhando espaço, marcando o início de uma nova fase de governança e aumentando a incerteza sobre o futuro político da maior economia e centro de gravidade do sul da África.

Na França, as eleições para o Parlamento Europeu, embora menos levadas a sério, foram alçadas a um novo patamar de impacto por conta do resultado que demonstrou o crescimento do apoio a figuras da extrema direita. Todavia, a eleição mostrou, sobretudo, um desgaste do presidente Emmanuel Macron, que resolveu dobrar a aposta e convocar eleições parlamentares nacionais. O resultado foi nova derrota, dessa vez para a esquerda. Não satisfeito, para não dar o braço a torcer, Macron recorreu ao carreirista Michel Barnier para ser seu primeiro-ministro, sem respeitar as urnas. Barnier tinha alcançado alguma expressão, nos últimos anos, ao liderar as negociações do Brexit em nome da União Europeia (UE). De forma metódica, fez o Reino Unido pagar pela estripulia de deixar a UE. Agora, em que vai dar, ainda não sabemos.

Por fim, no Brasil, as eleições municipais de 2024, realizadas hoje, refletem uma reconfiguração política ainda mal sintetizada no país. O povo vive uma intuição confusa quando percebe que há uma cisão na elite política, que inscreve a decisão de hoje no horizonte da culpa de políticos e partidos, com ou sem tradição. Votar é um ritual simbólico que parece só interessar à política dos políticos.

Em meio a esse superciclo eleitoral, que varreu também a América Latina e expôs as vísceras da Venezuela adocida e o teatro experimental do México, que dividiu os cargos públicos pela metade entre e homens e mulheres, mas manteve o domínio machista do poder nas mãos dos homens, as nações seguem em direções variadas, com algumas concentrando seus esforços em reformas estruturais visando à estabilidade e desenvolvimento, enquanto outras priorizam se chafurdar em debates infrutíferos, bizarros mas, às vezes, apaixonantes.

Paulo Delgado é sociólogo